

**IDENTIDADES E CULTURAS POLÍTICAS:  
DISPUTAS E CONFLITOS NOS ESCRITOS DE  
CAROLINA MARIA DE JESUS**

Alessandra Araújo de Souza<sup>1</sup>

“...Eu ainda não habituei com este povo da sala de visita –  
uma sala que estou procurando um lugar para me sentar”<sup>2</sup>  
Carolina Maria de Jesus, 29 de outubro de 1961

*Quarto de Despejo: diário de uma favela* foi um dos maiores best-sellers do ano de 1960, teve oito edições só no ano em que foi publicado e vendeu mais de 90 mil exemplares, sendo traduzido ainda para treze idiomas. A escritora, Carolina Maria de Jesus, era uma mulher negra, pobre, com apenas dois anos de ensino primário, mãe solteira de três filhos. Ela nasceu na cidade de Sacramento, em Minas Gerais, tendo migrado para São Paulo em meados dos anos 1930. O mencionado livro relata o cotidiano de Carolina e sua família na Favela do Canindé, durante os anos de 1950 a 1960. Com o sucesso deste livro nossa autora passou a figurar nas páginas dos principais jornais e revista do país e internacionalmente, conseguindo uma ascensão social repentina e impressionante, caso raro, tendo em vista que, diferente de outras personalidades negras, Carolina ascende socialmente através do exercício da escrita.

Um dado importante sobre as circunstâncias de produção dos escritos de Carolina é o contato e mediação do jornalista Audálio Dantas, redator de uma das revistas mais importante da época, *Cruzeir*. Embora a atividade da escrita fosse central para Carolina e ela mesma se intitulasse “poetiza do lixo”, seus contos, poemas e romances não chamaram a atenção do jornalista, foram os diários e seus relatos sobre a pobreza que mereceram destaque e foi através da edição e mediação dele que foi possível a Carolina entrar no mercado editorial. Essa mediação de uma jornalista muito nos diz sobre o tipo de apropriação e recepção que foi dado aos seus escritos. Mas por hora, quero apenas destacar que em virtude dessa circunstância Carolina estabeleceu taticamente o espaço do diário como campo prioritário de sua elaboração narrativa, um tipo de escrita onde “o cotidiano aparece como artifício narrativo” (FERNANDEZ, 2006: 04).

Voltemos ao livro *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, produzido no ambiente da favela de São Paulo em 1960. Neste livro, a autora trazia a denúncia sobre a realidade das favelas, que se alastrava com o crescimento das cidades, entretanto, seu relato apresentava uma perspectiva diferenciada, posto ser um relato que emergia de dentro da periferia de uma grande cidade. Nesse contexto, Carolina Maria de Jesus foi lida, pelos grupos mais politizados, interessados em refletir sobre a transformação do país, como reveladora de problemas sociais. Contudo, esse mesmo contexto que permitiu a emergência dos seus escritos, com o decorrer de sua trajetória colocava limites a aceitação da escritora. Já no prefácio de seu segundo livro *Casa de Alvenaria*<sup>3</sup>,

---

<sup>1</sup> Graduada em História pela UFPB. Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em História da UFPB.

<sup>2</sup> Trecho do livro *Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada* de 1961. Sendo a escrita de uma mulher com pouca escolaridade e que, portanto, se desvia da normal culta da língua, mantivemos nas citações os erros gramaticais da autora tal como foram preservados no livro.

<sup>3</sup> *Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada* se constitui de diários escritos entre 1960 e 1961, tempo em que Carolina sai da favela e vai viver num bairro de classe médio em São Paulo.

publicado logo em seguida do primeiro (1961), Audálio Dantas expressava até onde ia o interesse pela escritora:

(...) finalmente, uma palavrinha a Carolina, revolucionária que saiu do monturo e veio para o meio da gente de alvenaria: você contribuiu poderosamente para a gente ver melhor a desarrumação do quarto de despejo. Agora você está na sala de visita e continua a contribuir com este novo livro, com o qual *você pode dar por encerrada a sua missão*. (JESUS, 1961: 9-10) (grifos meus)

Desse modo, a aceitação de escritora favelada deu-se até o ponto em que ela alimentasse as preocupações ideológicas em voga, com bem interpretou um de seus biógrafos: “com isso infere-se que a sociedade estava disposta a aceitar a desgraça da vida de Carolina relatada no diário como alternativa de se mostrar, aparentemente, mais flexível e só”. (MEIHY, 1998)<sup>4</sup>. O mundo de alvenaria não estava disposto se abrir para uma aceitação ampla da autora, seja social e literariamente, limitando as possibilidades de acessos de Carolina nesse novo mundo, reduzindo os aspectos estéticos de sua obra ao conteúdo de denúncia social.

Na esteira do sucesso do seu primeiro livro, em 1961 é publicado como continuidade de *Quarto de Despejo* o livro *Casa de Alvenaria*, que consistem em diários que narram os últimos dias de Carolina Maria de Jesus na favela e as intensas transformações que se deram nesse primeiro ano em sua nova vida, entre 1960 e 1961. Baseado nas novas experiências da autora ao sair da favela, *Casa de Alvenaria*, é escrito quase que por encomenda, sua publicação já estava prevista pelos editores. Os conflitos e contradições dessa escritora da favela que será lida pelo público de classe média aparecem constantemente no relato: “Não estou tranquila com a ideia de escrever o meu diário da vida atual. Escrever contra os ricos. Eles são poderosos e podem destruir-me” (JESUS, 1961:83).

Carolina Maria de Jesus conseguiu sair da favela e do “quarto de despejo”, indo viver na tão sonhada “casa de alvenaria”, passando a circular na “sala de visita” da capital paulista. Contudo, sua inserção neste novo espaço social, não foi tranquila. Começa aí um novo momento de conflitos e contradições que a “escritora favelada” estabeleceu no mundo predominantemente branco e de classe média com o qual passou a ter contato, a sensação de deslocamento presente no trecho citado na epígrafe expressa bem isso.

Sabemos que o seu segundo livro, não vendeu tão bem como o primeiro e aos poucos Carolina Maria de Jesus foi sendo esquecida e sua imagem desgastada pela mesma mídia que num primeiro momento permitiu sua ascensão. Seus anseios de se projetar como escritora foram pouco a pouco frustrados. Ela ainda tentou publicar mais dois livros com recursos próprios, mas não obteve sucesso, assim, Carolina gradualmente sai de circulação. A aceitação do seu livro não levou a aceitação do sujeito por detrás da obra, ficando, nossa autora, reduzida ao brilho de apenas uma única obra.

Pode-se dizer que essa experiência de rápida ascensão social foi marcada por choque cultural e exigiu de Carolina um processo de adaptação não isenta de traumas e contradições. Nesse artigo, quero discutir esses conflitos a partir das reflexões sobre as culturas políticas que aparecem no relato como traços das relações que nossa autora/personagem estabelece com os novos atores sociais com os quais ela entrou em contato com sua entrada no “mundo de alvenaria”.

---

<sup>4</sup> Não é possível citar a página da citação porque o formato da versão utilizada é em página de internet e não tem numeração, ver referência ao fim do texto.

O conceito de cultura política parece-me interessante para perceber os conflitos e contradições que transparecem ao longo do relato e como ela percebia e interpretava as relações de poder nesse universal social em que transitava. A noção de cultura política ao alargar a compressão sobre a ação política, incluindo aí “valores, tradições, práticas e representações partilhadas por um determinado grupo...” (MOTTA, 2009:21) permite problematizar como a cultura política ao fornecer elementos para interpretação da realidade é elemento importante na construção das identidades dos diversos sujeitos sociais, nesse sentido, “permite explicações/interpretações sobre o comportamento político de atores individuais e coletivos, privilegiando suas percepções, suas lógicas cognitivas, suas vivências, suas sensibilidades” (GOMES, 2005: 30). Outro ponto central trazido pelos autores citados acima é pensar a cultura política no plural, admitindo que embora haja uma cultura política hegemônica, outras culturas políticas surgem e disputam espaços na sociedade.

Nos diários de Carolina Maria de Jesus ao se voltar para o cotidiano ela elabora interpretações dos problemas sociais enfrentados e refletindo, à sua maneira, sobre as relações de poder. Sua trajetória de vida marcada por um processo de desterritorialização e hibridismo cultural, fruto mesmo de um processo de modernização que expõe os sujeitos a novas situações históricas, levou a Carolina a fazer da escrita do seu diário um espaço de reflexão e reelaboração da experiência vividas sob estas condições de fragmentação e rupturas. Mulher negra, descendentes de escravos e agricultores, migrante, Carolina atravessa diversos territórios, ao sair do campo exerce várias ocupações desde empregada doméstica, vendedora ambulante até chegar à catadora de papel, como forma de resistência à pobreza e exclusão em que vivia ela se apropria desse instrumento cultural até então restrito as classes letradas e busca através da escrita novas vias de participação social.

A relação entre cultura política e cultura histórica destacadas pelos teóricos também me surge como central para tratar do caso de Carolina Maria de Jesus, dado que é dentro de um contexto de intensas transformações históricas que se abrem as possibilidades de sua escrita e de sua emergência pública.

Se entendermos cultura histórica como campo onde o pensamento histórico se dissemina e que nas sociedades modernas a consciência histórica, isto é, a forma como nos situamos frente ao tempo e atribuímos sentido histórico a nossa experiência, tem peso fundamental no nosso agir político, veremos então as estreitas ligações entre cultura histórica e cultura política. Como pontuou Koselleck, nas sociedades modernas se busca a superação das experiências vividas e de criação de possibilidades de transformações para o futuro: “é a tensão entre experiência e expectativa que, de uma forma sempre diferente, suscita novas soluções, fazendo surgir o tempo histórico” (KOSELLECK, 2006: 313). Segundo ele, o campo da atuação política é o espaço que traduz esta tensão entre experiência e expectativa, e é através da ação política que se projeta as expectativas quanto ao futuro.

Com isso temos um interessante ponto de partida para pensar as culturas políticas que concorriam num tempo onde se forjavam as propostas de modernização do país ao buscar o desenvolvimento e a superação das velhas estruturas sociais. Como destacamos teoricamente acima, no bojo dessas culturas políticas estava em jogo também uma cultura histórica.

Também nos escritos de Carolina os discursos políticos que concorriam na cena pública encontram ressonância em sua narrativa, pois Carolina ao perceber a experiência da favelização, como tempo de incertezas, precarização da vida, ruptura com tempo passado, transformações nos comportamentos e valores sociais, situa as circunstâncias históricas a qual estava imersa dentro de um horizonte de ação política e

como fruto das relações de poder entre os homens. Nesse esforço ela maneja de forma singular os dados de sua experiência, as tradições políticas em voga e outras referências culturais, criando significados próprios sobre sua realidade. Por exemplo, quando situa uma dada circunstância do presente em relação a uma probabilidade quanto ao futuro, uma transformação que deve se dá por uma ação política: “Se o custo de vida continuar subindo até 1960 vamos ter revolução!” (JESUS, 1960: 126).

Penso que os escritos de Carolina trazem elementos para pensar esses processos de transformação e conflitos históricos, considerando a escrita de si como espaço onde se reelaboram as experiências, se constrói identidades e se constitui num instrumento onde a autora busca criar novos espaços de participação e de compreensão do mundo e de si mesma. Os diários são, portanto, objeto central para perceber como nossa autora articula as experiências e conflitos nos quais estavam inseridas suas percepções e visões de mundo.

Carolina Maria de Jesus surge, então, num contexto de intensas transformações no país, período entre duas grandes ditaduras e de intensos debates democráticos, entre 1945 e 1964, onde vemos também o surgimento de vários sujeitos políticos tais como os grupos de esquerda ligados às ligas camponesas, ao movimento estudantil, trabalhismo, bem como crescimento ao movimento negro que acenavam na cena política do país. O debate sobre os problemas sociais marcavam tanto o debate político como o debate cultural, visto que “talvez os anos 60 tenham sido o momento da história republicana mais marcado pela convergência revolucionária entre política, cultura, vida pública e privada, sobretudo entre a intelectualidade” (RIDENTI, 2003: 135).

A medida que Carolina Maria de Jesus entra na “sala de visita” os conflitos e contradições entre Carolina e o mundo em que almeja se inserir aparece com mais destaque, sendo, talvez, um dos motivos pelo qual *Casa de Alvenaria* não tenha sido bem aceito no mercado editorial. Como representante de uma camada popular seus escritos chamam a atenção de diversos grupos políticos que emergem nesse momento, contudo seus posicionamentos revelam tensões e contradições que não permitiram estabelecer uma identidade coerente que pudesse vinculá-la a alguma vertente política em jogo no cenário político, suas ambigüidades levaram a incompreensão restringindo e isolando cada vez mais o espaço de interlocução da autora. Como bem avaliaram Meihy e Levine, especialmente quanto aos grupos de esquerda e direita:

curiosamente, nem os militantes de esquerda, nem os membros da ciosa direita apoiaram de maneira linear. Para os primeiros ela não parecia suficiente estridente para provar as teses da luta de classe ou de vítima consciente da marginalização inconformada. Até, pelo contrário, sob alguns pontos de vista, Carolina mostrava-se conservadora e mesmo racista, sobretudo isolada. Para a direita, seus testemunhos incomodavam o pressuposto da pobreza domesticada, útil sem dúvida para os discursos disciplinadores, mas ao mesmo tempo, ela elogiava alguns comandantes políticos e por isso servia de massa de manobra (MEIHY & LEVINE, 1994: 19-20).

As posturas e opinião de Carolina quanto aos problemas políticos são de difícil apreensão, pois ela bebe em várias fontes nos diversos discursos políticos de sua época, articulando-os de maneira não coerente e não linear para refletir sobre os problemas cotidianos que enfrentava. Ela parece incorporar algumas visões do trabalhismo, nomeadamente um nacionalismo de exaltação das belezas da pátria e a valorização do trabalho. Além disso, Carolina percebia o Estado e os líderes políticos ao mesmo tempo como fonte dos problemas sociais e responsáveis pelas soluções, numa visão

marcadamente paternalista, onde a população encontra-se apenas como beneficiária ou vítima do Estado.

(...) Eu não ia comer por que o pão era pouco. Será que é só eu que levo essa vida? O que posso esperar do futuro? Um leito em Campo de Jordão. Eu quando estou com fome quero matar o Jânio, quero enforcar o Adhemar e queimar o Juscelino. As dificuldades corta o afeto do povo pelos políticos (JESUS, 1960: 34)

Aspectos da tradição autoritária brasileira parece também orientar essa cultura política popular, isso surge mais claro quando Carolina fala das relações entre negros e brancos depois da abolição: “hoje é dia 13 de maio, hoje é o dia consagrado aos pretos, que vivem tranquilos mesclado com os brancos. Hoje é o dia em que nós os pretos podemos bradar: - viva os brancos!” (JESUS, 1961:177). De toda forma o horizonte de expectativa quanto à ação política era marcada pela dominação dos brancos que voluntariamente beneficiam os negros, mas em seu discurso não deixa de aparecer marca da tensão entre negros e brancos: “Creio que devo ficar feliz em nascer no Brasil, onde não existe ódios raciais. São os branco que predominam. Mas são humanos e a lei é igual para todos. Se analisarmos os brancos mundiais, os brancos do Brasil são superiores” (JESUS, 1961: 149). Ao mesmo tempo Carolina afirma uma identidade negra e narra em vários momentos o preconceito racial, sua postura era, assim, ambígua, produzindo imagens tensas, contraditórias, dialéticas, onde ao afirmar a boa convivência entre brancos e negros não nega as desigualdades e as relações de dominação entre brancos e negros.

Os grupos do movimento negro tentavam aproximar-se de Carolina, como ela comenta sobre o jornal *O Ebanho*: “Ele insiste que devo auxiliar a raça. Estou confusa. Não tenho idéias para escrever” (JESUS, 1961:157). Percebe-se que para Carolina a condição racial era um aspecto central para perceber seu lugar social e as relações de poder na sociedade, mas não de uma forma que pudesse fundamentar uma identidade política que correspondesse aos discursos que se forjavam no âmbito do movimento negro. Este último pautava a crítica ao mito da democracia racial, ideário que, dentre outros argumentos, negava a existência de preconceito no país em virtude de igualdade formal entre negros e brancos.

Sob a forma que destacamos acima, Carolina Maria de Jesus demarca o conteúdo racial das divisões sociais, sendo curioso notar como ela qualifica as relações conflituosas com seus editores usando analogias das relações escravistas, especialmente na relação com Audálio Dantas “(...) Foi ele quem auxiliou-me, por isso ele prevalece. Mas o dia 13 de maio ele há de dar-me a minha liberdade”, mais adiante “eu não gosto de ser observada injustamente. É horrível ter *sinhô*. Mas o dia 13 de maio está chegando (JESUS, 1961: 125-174). Não pretendo discutir se de fato ela era oprimida ou não nas relações com os editores, mas antes almejo destacar os sentidos atribuídos que articulava-se uma determinada forma de perceber as relações de poder na sociedade, a partir das desigualdades entre negros e brancos, externalizadas nas analogias com a escravidão que remete às relações entre senhor e escravo. Nesse sentido, percebe-se como Carolina lança mão de uma leitura do passado para significar sua circunstância no presente, projetando no futuro um nova libertação. O que me parece plausível é que as expectativas dos editores eram bem diferentes das de Carolina, ela não queria se enquadrava aos modelos de comportamento que aqueles tentaram lhe impor.

Não é incomum no vocabulário de Carolina termos usados pelos discursos dos grupos de esquerda, mostrando que elementos dessa tradição política também

atravessavam o universo político da autora, embora ela não siga exatamente os mesmos sentidos dados pelos grupos de esquerda por elaborar uma compreensão própria das práticas políticas do movimento operário:

Disseram que eu só comunista porque tenho dó dos pobres e operários que ganham o insuficiente para viver. E não tem um defensor sincero a não ser as greves, meio que recorrem para melhorar suas condições de vida. Mas são tão infelizes que acabam sendo presos e dispensados do trabalho. Conclusão: o operário não tem o direito de dizer que passa fome. (JESUS, 1961: 105)

Assim, ela vislumbra o problema dos operários não por via de uma compreensão explícita das relações de produção, mas o aproxima da experiência vivida dela própria, relacionando-o com o problema da fome e falta de “um defensor”. Descreve um processo de opressão de camadas populares que apresenta similitudes com certa percepção do comunismo, não obstante suas chaves de interpretação do problema não se adéquem ao que era ditado pelos movimentos de esquerda.

É interessante notar aí as intersecções e conflitos que essas diversas tradições e discursos políticos emergem na obra de Carolina e de como ela maneja as várias referências desviando ou dando novos significados para construir sua compreensão sobre a realidade. Cruzando elementos de diversos discursos políticos na sua percepção das relações de poder, que não se enquadrava perfeitamente em uma cultura política específica dentre aquelas que estavam se constituindo, seja trabalhismo, comunismo, movimento operário, movimento negro etc.

Esse convívio de Carolina com os sujeitos da “casa de alvenaria” foi marcado por processos de “estranhamento”. Nesse novo mundo Carolina fez viagens, dava entrevistas, participava de jantares com políticos, jornalistas e intelectuais, que foram a tônica desse novo convívio social advindo dos primeiros momentos da sala de visita. Nestes espaços, a cada momento eram impostas exigências e questionamentos que eram alheios aos anseios e vivência de Carolina. Outros estudos demonstraram qual o tratamento dado pelo “povo da sala de visita”, especialmente a imprensa: “...contavam casos exagerados ou pitorescos que contribuíam para caricatura de uma ex-favelada pretenciosa e que apesar de “rica” não se adaptava aos padrões exigidos pela ética social” (MEIHY & LEVINE, 1994: 28).

No seu diário ela expressava a sensação de deslocamento frente aquele universo, ele registra em 20 de abril de 1961: “com a divulgação do meu livro recebo várias pessoas. Transformei-me em atração turística” (JESUS, 1961: 167). Aos benefícios da nova vida sobressaíam, contudo, a sensação de confusão, como pode se ver em dos seus relatos, no dia 06 de maio de 1961, contando sobre um entrevista, quando o jornalista pergunta: “\_ Carolina, como você se sente no apogeu de sua vida? \_ Sinto-me confusa” (JESUS, 1961: 173).

O fim do diário de 1961 traz a imagem bastante emblemática de como ela percebia os conflitos dos grupos políticos e do seu estranhamento frente a esse contexto, mostrando como essa personagem singular estava numa encruzilhada de culturas políticas que disputavam espaço: trata-se do debate em torno adaptação teatral de seu livro *Quarto de Despejo*. Nessa ocasião, reuniram-se deputados, estudantes, poetas, intelectuais e artistas dos diversos segmentos políticos:

E nos convidaram a subir no palco. Eu, Solano Trindade, Conceição Santamaria, Professor Angelo Simões Arruda, Deputado Cid Franco, Dona Edy Lima (...) Eu

estava confusa naquele núcleo. Percebi que a *Dona Elite* encara o problema da favela como vergonha. É uma mancha para o país. (JESUS, 1961: 182).

Carolina, então, procura relatar cada fala dos palestrantes. Estas falas mostravam um conflito entre as vertentes políticas, umas colocavam a causa da favela no “regime capitalista”, outra mais conservadora culpava os próprios favelados pela situação em que vivem e assim por diante. A narração de Carolina desse debate político registra elementos dessas várias percepções sob uma observadora distante, a autora não discorda, nem concorda. Como ela destaca no início, era o debate conduzido pela “*Dona Elite*”, e confessa para nós leitores “Fico horrorizada vendo a fome sendo debatida assim em assembléia” (...) Com aquela confusão eu tinha a impressão que estava na favela. Todos falando ao mesmo tempo” (JESUS, 1961: 182-183).

No mundo da alvenaria Carolina Maria de Jesus não se encaixava, pois tinha um projeto particular que escapou as interpretações dadas a sua obra naquele contexto. Carolina se via com escritora, queria ser poeta, pretendia o acesso ao universo das letras, seu olhar sobre sua realidade e os problemas políticos tinha traços bastante singulares e não se encaixava perfeitamente em nenhuma das tradições políticas que se apresentavam na época. Em seus escritos Carolina Maria de Jesus demonstra uma identidade multifacetada que não se deixa reduzir às determinantes políticas da época. Suas aparentes contradições são, a meu ver, fruto mesmo de uma experiência de vida marcada por processos de desterritorialização intensa pelo qual passou em sua luta para sobreviver num mundo em modernização e que exigia adaptações bruscas.

## REFERÊNCIAS

- FERREIRA, Jorge. O nome e a coisa: o populismo na política brasileira in: *O Populismo e sua História: debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- FERNANDEZ, Raffaella Andréa. “Cartografando Uma Literatura Menor: a poética dos resíduos de Carolina Maria de Jesus” in: *Revista Patrimônio e Sociedade*. UNESP – FCLAS – CEDAP, v. 2, n. 1, 2006 p. 1.
- KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição a semântica dos termos históricos*. Rio de Janeiro: Ed. Contraponto, 2006.
- MEIHY, José Carlo S. B. & LEVINE, Robert. *Cinderela Negra: a saga de Carolina Maria de Jesus*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1994.
- MEIHY, José Carlos S. B. Carolina Maria de Jesus: Emblema do Silêncio in: *Revista da USP*. Dossiê Direitos Humanos no Limiar do Século XXI, n. 37, mar-mai. 1998. Disponível em: [www.direitoshumanos.usp.br](http://www.direitoshumanos.usp.br)
- JESUS, Carolina Maria de Jesus. *Casa de Alvenaria*. São Paulo: Editora Paulo de Azevedo, 1960.
- JESUS, Carolina Maria de Jesus. *Quarto de Despejo*. São Paulo: Editora Paulo Azevedo, 1960. 7ª edição.
- GOMES, Ângela de Castro. *Escrita de Si, Escrita da História*. Rio de Janeiro: FCV, 2004.
- GOMES, Ângela de Castro. História, historiografia e cultura política no Brasil: algumas reflexões In: *Culturas Políticas: ensaios de história cultural, história política e ensino de história*. Rio de Janeiro: Mauad, 2005.
- MOTTA, Rodrigo Patto. Desafios e possibilidades na apropriação de cultura política pela historiografia In: MOTTA, Rodrigo Patto. *Culturas Políticas na História: novos estudos*. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009. 213

RIDENTI, Marcelo. “Cultura e Política: os anos de 1960-1970 e sua herança” in: FERREIRA, Jorge & DELGADO, Almeida Neves (org.). *O Brasil Republicano: os tempos da ditadura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.